

ALEXANDRE E AQUILES: DO HERÓI AO HUMANO

ALEXANDER AND ACHILLES: FROM THE HERO TO THE HUMAN

RENAN MARQUES LIPAROTTI

ESTUDANTE DO DOUTORAMENTO EM MUNDO ANTIGO

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

renanliparotti@gmail.com

Resumo: Os discursos *A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*, parte do conjunto das *Obras Morais* de Plutarco, constituem-se de um retrato de Alexandre, do qual, destaca-se, neste estudo, o aspecto do desenho de Alexandre como guerreiro. Para isso, teceu-se uma análise em contraponto entre a *Vida de Alexandre* e as obras homéricas, buscando valorizar como nas imagens o Querônês delineia os traços de Alexandre como guerreiro e soma-lhe as tintas com que Homero colorira Aquiles. Concluiu-se que, literariamente, ao aproximarmos Alexandre ao Aquiles de Homero, um herói humano, dotado de virtudes e de vícios, aproveitamo-nos da capacidade plástica do mito e unimos o Macedónio a uma tradição histórica que retrata o herói como falível, capaz de cometer o erro (*hamartia*), devido a sua fragilidade humana, o que afere responsabilidade por seu declínio.

Palavras-Chave: Alexandre; Aquiles; Plutarco; Homero; guerreiro.

Abstract: The speeches the Fortune or the Virtue of Alexander the Great, part of the overall Plutarch's Moral Works, are constituted of an Alexander's portrait, from which, the aspect of Alexander's draw as a warrior, in this study, is more notable. For this, an analysis was made in

contrast with Alexander's Life and the Homeric works, seeking to enhance how the Chaeronean draws Alexander's characteristics as a warrior in the images and adds to him the colours which Homer painted Achilles with. It was concluded that, literally, as we make Alexander get closer to Homer's Achilles, a human hero, gifted with virtues and vices, we take advantage of the myth's plastic capacity and we unite the Macedonian to a historical tradition that shows the hero as a fallible man, capable of committing the error (amartia), due to human fragility, which explains his decline.

Keywords: Alexander; Achilles; Plutarch; Homer; warrior.

Plutarco ressalta, nos discursos intitulados *A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*, terem sido a *Ilíada* e a *Odisseia* equipamentos para a expedição contra a Pérsia (*Moralia* 327F). Essa referência nos faz refletir duplamente na medida em que, se a consulta a estes poemas desempenhou tamanha influência, isso foi possivelmente determinante na formação da personalidade e na tomada das decisões de Alexandre; afora isso, mesmo que coloquemos em causa essa relação tão íntima entre o Macedônio e os textos homéricos, devemos admitir que Plutarco não contestou a veracidade dessa associação, cuja origem parece se encontrar nas narrações do companheiro Onesícrito de Astipaleia, mas considerou-a basilar na arquitetura desse discurso e, principalmente, na biografia que compôs.

Desse modo, para que compreendamos simbolicamente o desenho que nos propõe, carecemos de investigar em sua moldura os traços deduzidos das convenções épicas, pois estes afluem ao gênero biográfico e se integram como característicos da personalidade das figuras, tornando-as herdeiras de uma tradição. Assim, ler Plutarco é, inexoravelmente, reler Homero, pois ambos dedicaram seu tempo à memória, baluarte da honra e da glória, conceitos constituintes do homem grego.

Plutarco, na *Vida de Alexandre*, situa a linhagem materna (*Alex.* 2.1)¹ do Macedônio em Neoptólemo (Pirro), filho de Aquiles, por sua vez

1 Sobre os ascendentes de Alexandre, vide: Arr. 1. 11. 8, 4. 11. 6; D. S. 17. 1. 5.

descendente de Peleu e, em sequência, de Éaco, rei de Egina, responsável pela origem do povo dos Mirmidões. Dessa forma, não só garante a Alexandre um ascendente divino, mas cria-lhe um vínculo genético com Aquiles, paradigma na memória grega de excelência entre os heróis.

Plutarco, como tecelão, estende os fios dessa ligação entre épica e biografia ou retórica encomiástica², no caso desse discurso, que simbolicamente se percebe em outros aspetos da vida do Macedónio, por meio de anedotas que o Queronês desenvolve com cor e realce. Em relação à educação, por exemplo, narra-nos que o jovem príncipe teve o glorioso Pelida como paradigma desde os ensinamentos do mestre Lisímaco (*Alex.* 5. 8), que costumava intitular-se Fênix, ao discípulo Aquiles e a Filipe Peleu. Digno da comparação de Fênix, todavia, foi apenas Aristóteles, por conta de quem o Macedónio tornou-se leitor assíduo de Homero. Possuía, pois, uma versão anotada por esse filósofo (*Alex.* 8. 2), a qual transportava sempre consigo conservada num cofre (*Alex.* 26. 1-34). Era-lhe «estímulo na fadiga e ocupação em doces momentos de lazer» (*Moralia* 328A), funcionando como manual de informações práticas e dessa maneira como equipamento de guerra (*Moralia* 327F).

Na descrição do combatente, podemos verificar semelhanças como no épico tema do armar do guerreiro. Antes do combate decisivo em Gaugamelos (*Alex.* 32. 8-12), Plutarco valoriza o brilhar de prata de lei do elmo, a leveza fantástica das armas e a perícia com que Alexandre as manjava, assim como Homero ressaltou na couraça de Aquiles um luzir mais forte que o fogo (*Il.* 18.610) e nas armas um divino esplandecer (*Il.* 19.13), além de que só o Pelida era capaz de brandir a lança de freixo do Pélion (*Il.* 16.141-143). Apesar de elementos que nos conduzem à dimensão divina, ambos os heróis eram humanos, o que se verifica quando de suas feridas jorra sangue, do Mirmidão no conflito contra Astropeu (*Il.* 21.166-167), do Macedónio no combate contra os Assacenos (*Moralia* 341B).

2 Cf. Isoc. *Evag.* 34; Arist. *Rhet.* 1368a 21; Cic. *De Or.* 2.348.

É-lhes semelhante ademais uma relação pouco convencional que alimentavam com os cavalos. Ao Pelida foram doados Xanto e Bálio, corcéis velozes gerados pela harpia Podarga para voarem rápidos como os ventos, aos quais se juntou o irrepreensível Pédaso que, mortal embora fosse, acompanhava corcéis imortais (16.148-154). Aquiles considerava-os como companheiros e igualmente os incitava ao combate por meio de exortações (16.166-167). Estes, dotados de sentimentos humanos, quando souberam que Pátroclo tombara, imóveis permaneceram como coluna sobre o túmulo, recusando-se a avançar e derramando lágrimas candentes (17. 426-439). Afora isso, respondem à falsa acusação de Aquiles de terem sido responsáveis pela morte do filho de Menécio. É que, segundo eles, que se utilizavam da voz presenteada por Hera, «foi o filho de Leto quem o fez tombar e não nossa lentidão ou preguiça» (19. 407-417).

Alexandre, por sua vez, domestica Bucéfalo³ (6. 1-8), o cavalo que se irá tornar o aliado inseparável ao longo de vinte anos, pois quando tinha de dar instruções ao contingente o poupava, mas «quando se tratava de entrar em acção, era o Bucéfalo que montava e passava de imediato ao ataque» (*Alex.* 32.12). Ele, assim, não só com agilidade, mas, sobretudo, com perspicácia e inteligência, superou o pai Filipe que o não conseguira dominar, o que ressaltou sua superioridade e acentuou-lhe a *arete* de cavaleiro, que lhe mereceu o epíteto de «domador de cavalos» (*hippodamos*) comum na *Ilíada*. Quando este cavalo morreu, ferido em combate junto ao rio Hidaspes, em 326 a. C. (*Alex.* 61. 1-2), abala-o profundamente o sentimento de ter perdido um companheiro e um amigo. Por isso construiu, em sua memória, uma cidade, na margem do Hidaspes, onde hoje é o Paquistão ocidental, a que nomeou Bucéfala.

3 A cena de aquisição do cavalo preto cujo nome significava 'cabeça de boi' por Filipe tem data incerta, mas terá sido próxima do tempo em que o jovem príncipe teria os seus catorze anos. Sublinhar-lhe a origem tessália era reconhecer, como proveniência, a região que melhores cavalos produzia na Grécia. Bucéfala, de resto, é o nome de uma raça, cujos animais exibiam, como marca, a cabeça de um boi.

Além dessas pontuais semelhanças, o que os torna dignos de comparações como heróis é, de facto, a valentia com que enfrentam individualmente os confrontos, nas chamadas *aristeiai*⁴, em que se assume corajosamente a possibilidade da morte. Plutarco, dessa forma, narra que na batalha contra os Malos, Alexandre deu o famoso salto que só poderia ser comparado ao «fogo de um raio que rebentasse e caísse em meio a um furacão» ou ao «fantasma de Febo, reluzente nas suas armas flamejantes» (*Moralia* 343E), de modo que «os bárbaros pensaram que, diante deles, surgia uma figura incandescente» (*Alex.* 63.4). Este é um acto de coragem digno de Aquiles (*Il.* 22.273 sqq.), cujo brilho do escudo tangia, semelhante ao raio, o céu (*Il.* 19.375).

Interrogamo-nos, com curiosidade, o que motiva heróis como Aquiles e Alexandre a se entregar tão firmemente à guerra. É que nela, o fio da vida pode ser a qualquer momento cortado e a possibilidade de vencer a morte pela glória pode ou não ocorrer, pois depois que se morde com os dentes a terra, não é garantido que surja um arauto para inscrever nas tabuinhas da memória nossos nomes e feitos, libertando-os do esquecimento temível. É aí que parecem se separar os magnânimos dos homens comuns; estes se alimentam das riquezas concretas, descrentes de que possam advir recompensas quando já se fizeram pó. É por isso que se premeiam com objetos valorosos (*geras*⁵) aqueles que demonstraram excelência militar e valentia.

Os que são grandes de espírito, todavia, podem até aceitar recompensas materiais, pois consideram justo como os demais receberem-nas, mas não fazem desses presentes seus combustíveis; acreditam antes que, ao praticar atos grandiosos, terão como recompensa a honra (*time*) e glória (*kleos*), que se prolongam até à eternidade. Esse parece ser

4 Como exemplos de *aristeiai* pode-se ver também Agamémnon (*Il.* 11.251-256), Ulisses (*Il.* 11.420-430), Diomedes (*Il.* 5.1-520).

5 Objeto material ou humano garantido pela sociedade como reconhecimento para vários de seus membros considerados excelsos. Cf. Lévy 1995: 177-211; Sale 1963: 86-100.

o aspecto em que mais sensivelmente Plutarco tenta aproximar seu desenho de Alexandre ao Aquiles homérico.

É por isso que, nos primeiros passos da campanha na Ásia, Plutarco situa uma visita de Alexandre a Tróia (*Moralia* 331D, *Alex.* 15. 7-9) em que ele faz, com a lira que pertenceu a Aquiles, «reviver os feitos heroicos», e junto ao túmulo do Pelida, faz realizar competições que lembrem aquelas cerimônias realizadas em homenagem a Pátroclo⁶, nas quais ocupou o papel do Pelida e assim prestou homenagens ao herói a quem quer se igualar como guerreiro e a quem inveja⁷ por este ter encontrado tão distinto arauto para cantar seus feitos. Com essa alegoria da lira, resume, portanto, o principal aspecto que une o Macedônio a Aquiles, o amor pela honra (*philotimia*).

Alexandre desde cedo demonstra certa ânsia por reconhecimento. Isso se acentua em competições como as corridas em Olímpia, de que recusou participar, pois «venceria gente comum, mas seria vencido como rei» (*Moralia* 331B, *Alex.* 4.10), sustentando-se num pensamento aristocrático de que aos ‘melhores’ deve ser dado um reconhecimento superior, a honra (*time*). Na *Vida de Alexandre*, Plutarco também valoriza esse aspecto, pois verifica no jovem um desejo de superação perante o seu pai (*Alex.* 5.4), o que era frequente na convenção épica⁸ dos heróis. Foi para isso, por exemplo, que desde pequeno ousou «ambicionar a conquista da Babilônia e de Susa; ou melhor, concebeu o plano de governar toda a humanidade» (*Moralia* 342BD).

6 Mossman 1988: 83-95 aproxima a dor pela morte de Heféstion, traduzida nos sacrifícios feitos em sua homenagem (*Alex.* 72. 2-5) ao que Aquiles dedicou a Pátroclo (*Il.* 21.27, 23.175 sqq.).

7 Cf. *Arr An.* 1.12.1-2 e *Plu Alex.* 15.8. Também Cícero (*Arch.* 24) refere como palavras do Macedônio a Aquiles: «Oh afortunado jovem, que para tuas virtudes encontraste o arauto Homero».

8 Atena, por exemplo, ressaltou a Telémaco adolescente essa mesma responsabilidade: «Poucos são os filhos semelhantes aos pais: a maior parte são piores; só raros são melhores» (*Od.* 2.276-277).

Aquiles, no primeiro canto da *Ilíada*, depois de ter sido ultrajado por Agamémnon, que lhe toma Briseida, seu prêmio, símbolo do reconhecimento de sua honra, recusa-se a continuar a participar da refrega. É que se cria uma instabilidade de valoração social (*Il.* 9.316-320) em que o valente pode ser igualado ao cobarde, pois o reconhecimento deixa de depender do critério da *arete* para estar sujeito à vontade volátil de um soberano. Ao abafar-se o fogo interior que era a honra, no Pelida, inviabiliza-se o seu heroísmo.

Essa faúlha só se reacende depois da morte de Pátroclo, quando passa a depender de si a honra de seu fiel amigo. Primeiramente, não permite que o filho de Menécio seja desonrado tornando-se «joguete dos cães de Tróia» (*Il.* 17.254). Em seguida, executa a vingança taliônica, nutriz bélica acreditada justa e glorifica-se, pois, depois de tantos o tentarem, prova ser o único capaz de fazê-lo. Dá singular exemplo de coragem ao abdicar conscientemente da longevidade⁹ em troca de eternizar-se. E, por fim, cumpre pela amizade (*philia*) o dever de honrar seu melhor amigo, garantindo-lhe cerimônias fúnebres.

59

Conclui-se assim que foi o amor à honra (*philotimia*) um escopo comum entre Aquiles e Alexandre. Essa motivação individual, todavia, deve harmonizar-se com uma coletiva, uma vez que ambos são comandantes de exércitos. Mesmo porque para a honra, faz-se necessário almejar sempre a excelência que não é absoluta, mas depende da avaliação e do reconhecimento dos demais companheiros. É interessante que analisemos, por isso, como se dava o relacionamento desses generais com seus soldados.

Em relação a Aquiles, podemos evidenciar o companheirismo com os amigos mais próximos como o inseparável Pátroclo e o mestre Fênix,

9 No canto nono Tétis dos pés prateados anuncia a seu filho Aquiles sobre seu destino dual: se ficasse a combater em Tróia, não retornaria à amada terra pátria, mas se tornaria imortal; se, entretanto, regressasse a casa, teria uma vida longa, mas ignota (*Il.* 9.410-416). Consciente de que mesmo o mais excelente dos guerreiros é mortal e miserável, quando lhe é imposta a necessidade de decidir sobre seu fato, decide por morrer ali, mas se tornar glorioso. Cf. *Il.* 18.101 sqq. 19.420.

com o coletivo anônimo que conhecemos como os Mirmidões e perante os demais Aqueus; em contra partida, por causa de uma discórdia geradora de conflitos (*Il.* 9. 257), há uma animosidade permanente com Agamémnon que só se dissolve devido à necessidade de vingar o filho de Menécio.

Como pastor do povo dos Mirmidões, um coletivo de cinquenta naus que veio em auxílio aos Aqueus, mostra-se um líder que move bem suas tropas, pois sempre que é preciso combater, incita os seus soldados, lobos carnívoros de fúria indomável (*Il.* 16.155-167) e instiga, em cada um, ânimo e coragem. Todavia, seu individualismo e sua mente inflexível, vítima de uma cólera opressora do coração (*Il.* 9. 258), fizeram com que retivesse seus camaradas, à revelia, nas naus, sem que pudessem lutar e ajudar os Dânaos. Por isso era, pelos companheiros, repreendido como insensível. Mas finalmente ao pedido de Pátroclo cede e envia-os ao esforço da peleja, por que eram apaixonados, em auxílio de seu escudeiro. É aí que se demonstra a coesão de uma tropa, após ouvir seu comandante, como pedras bem ajustadas que em um muro não deixam passar sequer sutis sopros de vento, compondo-se escudo contra escudo, elmo contra elmo, homem contra homem (210-215).

Também quanto aos Aqueus de maneira geral Aquiles demonstrava respeito e consideração. Ao décimo dia das desgraças prenunciadas por Crises, depois da recusa da devolução de Criseida, foi Aquiles quem convocou a hoste para a assembleia, porque sentia pena dos Dânaos que morriam (1.54-56). Após ter sido tomado de cólera, todavia, é acusado por todos os Argivos de insensibilidade, pois não se compadecia nem tinha pena (11.665), mas queria ser o único a ter proveito da sua valentia (11.762-764). Ele, entretanto, apesar de irado, demonstrou ainda estima aos Aqueus que lhe foram pedir a reconciliação em comitiva, considerando-os grandes amigos, embora não sendo capaz de lhes satisfazer o pedido.

Só a persuasão do amigo Pátroclo fê-lo permitir que os Mirmidões voltassem à guerra e só a honra deste e sua memória o fez abandonar

o conflito devorador do ânimo (*Il.* 19.56-57), parar sua ira (*Il.* 19.67-68) e, assim, se reconciliar com Agamémnon, que por sua vez também reconhece a falha, admitindo ter sido vítima da Obnubilação que impede o bom juízo (*Il.* 86-94). É, pois, uma animosidade que provoca trágicos desfechos e que tem como origem o confronto à honra, valor máximo do Pelida.

Quanto a Alexandre, a relação com os companheiros é inicialmente mais simples e clara. Ganha, todavia, no decorrer da sua trajetória, aspectos de complexidade na medida em que algumas amizades se tornam animosidades devido a episódios ocorridos e fatores psicológicos envolvidos. Podemos, por isso, destacar relações sólidas com os companheiros como parte da marcha ascendente do chefe e, posteriormente, uma trajetória de decadência que se caracteriza pela complexificação das relações de amizade¹⁰.

Da primeira fase, podemos destacar alguns episódios expressivos dessa solidariedade; quando, por exemplo, o general, gravemente doente, acredita piamente na solidariedade de Filipe de Acarnânia, o único médico que ousou correr todos os riscos na tentativa de lhe salvar a vida. Este é um caso paradigmático de uma *philia* autêntica (*Alex.* 19. 4), que, apesar de uma denúncia de conspiração, não abala a confiança do rei no esforço sincero de um companheiro em seu benefício, ao que se soma o fato de ter Clito salvado o general no campo de batalha (*Alex.* 16.11).

Afora isso, nesse período Alexandre era muito solícito e piedoso, na medida em que, quando descobriu que Tárrias havia declarado falsamente ter contraído uma dívida para que o rei lhe pagasse, o liberou da culpa, permitindo ficar com o dinheiro, pois se lembrou de que aquele, quando Filipe combatia contra a cidade de Perinto¹¹, ferido por

10 Como bem salienta Whitmarsh 2002: 183-184, os episódios que aproximam Alexandre dos Companheiros revelam, entre um e outros, uma rede complexa de relações e diferenças, que contribuem para a caracterização das suas diversas, mas interactivas, personalidades.

11 Facto ocorrido na cidade da Trácia Propôntide, em 340 a. C. Sobre a campanha de Filipe contra Perinto cf. *The Cambridge Ancient History*. VI. *Macedon*, 254-255.

um dardo em seu olho, não permitiu nem aceitou de modo nenhum que se lhe extraísse a flecha antes de os inimigos terem sido derrotados. Soube também que Antígenes falsamente tinha-se inserido na lista dos Macedônios que deveriam ser reconduzidos a casa por motivo de doença ou de ferimentos; após interrogá-lo sobre o porquê, descobriu que estava apaixonado por Telesipa, que estava de partida, e, por isso, propôs-se, com promessas e presentes, fazê-la ficar. Nem quando desmascarou Filotas, por meio de uma cortesã, e descobriu que ele lhe dirigia acusações, tomou imediatamente atitudes, mas esperou mais de sete anos para que revelasse essa suspeita¹².

Por todos esses exemplos, Plutarco demonstra que foi de maneira honrosa que Alexandre fez uso de seu poder. Além disso, aos companheiros dava constantes provas e incentivos, pois dividia a maior parte do seu patrimônio pessoal e dos proventos reais. Somente Perdicas, admirado, interrogou-o «E para ti, o que é que reservas, Alexandre?» (*Moralia* 342E) e obteve, como resposta, «As esperanças» (*Moralia* 342E). Propôs então que todos compartilhassem dessas esperanças até que tomassem posse, como espólio, das riquezas de Dario e então as dividisse.

As esperanças de Alexandre eram, portanto, o respeito aos deuses, a confiança nos amigos, a simplicidade, a moderação, a experiência, o desprezo da morte, a magnanimidade, a humanidade, o diálogo afável, a integridade moral, a firmeza nas decisões, a rapidez nas ações, o primazia da glória, a determinação para a realização de ações nobres que o levavam a mover bem suas tropas, mantendo acesa nelas a ambição e alimentando entre os soldados da mesma idade a emulação e a competição pela glória e pela virtude (*Moralia* 342EF).

12 A versão sobre a possível conjuração de Filotas e da eventual cumplicidade de Parménion foi fornecida por D. S. (17.79-80), Curt. (6.7, 7.2) e Plu. (*Alex.* 48-49), concordando substancialmente também com a afirmação de que Alexandre tinha inveja da fama de Filotas e da sua glória, sinal de que havia uma dissensão entre Alexandre e os Macedônios; Arr. (*An.* 3.26-27), ao invés, sublinha a responsabilidade de Filotas, mostrando a primeira denúncia contra ele já no Egito, segundo o que é trazido por Ptolomeu e Aristobulo.

No decorrer da trajetória de Alexandre, o general conquistador começou a dar cada vez mais espaço para o rei administrador, de modo que às medidas estratégicas se lhe juntaram ações de objetivo político e diplomático que visavam estabilizar o reinado já com outra dimensão. Isso coincidiu com uma maior exposição à riqueza, ao luxo e a costumes persas, assim como com a ampliação do poder do Macedônio. Esse processo influenciou diretamente o comandante e seus companheiros, cujas relações se degradaram pelos excessos de uma vida faustosa e de reações coléricos do soberano.

As diferenças de pensamento começam a partir do incêndio do palácio de Dario; só no fim Alexandre se opõe as intenções do coletivo de, ao destruir o palácio, iniciar o regresso; este é o ponto de partida para a recusa deste mesmo coletivo em atravessar o rio Ganges, primeira grande derrota na liderança do Macedônio, depois da qual se fechou enraivecido na tenda (*Alex.* 62.5). A seguir, desavenças internas tomam conta das relações de amizade, cujo resultado é fazer sobressair sentimentos como a ira contra Filotas (*Alex.* 70) e Cassandro (*Alex.* 74), e a cólera profunda contra Clito o Negro (*Alex.* 50-51). Verifica-se, todavia, como quase consequência da magnanimidade e da *philotimia*, uma dificuldade de lidar com o antagonismo de opiniões que culmina em um espírito colérico.

Desse modo, assim como Homero nos pintou um Pelida militarmente excelente, mas que não foi capaz de abandonar sua cólera e auxiliar seus companheiros no combate quando os Troianos se aproximavam das naus, sendo essa imperícia seu maior defeito, Plutarco nos deixa evidente que o Alexandre contrariado pode ceder à perturbação e tornar-se irracional; momentaneamente vemo-lo baixar ao nível de Filipe, desejoso de conquistar fama e poder a qualquer preço (*Alex.* 10. 3); foi na campanha contra Tebas que se pôde verificar o ápice dessa irascibilidade, quando, utilizando-se de uma violência extrema (*Alex.* 11.11), objetivou desanimar o adversário e convencê-lo a uma rendição espontânea.

Rasgo de violência semelhante pode-se verificar em Aquiles quando, decidido a retornar à refrega, pôs à prova alguns Troianos (*Il.* 20.352

sqq.), atirando-se contra eles, e fez com que a escuridão lhes cobrisse os olhos, manchando de sangue as águas do rio Xanto (Escamandro, *Il.* 21.21). Dentre as vítimas desses «trabalhos ruins» (*Il.* 21.18), podemos elencar Trós, filho de Alastor (*Il.* 463-472) e Licáon, sobre cujos destinos Homero nos acentua a selvajaria de se matar suplicantes. Ademais, depois de vingar a morte de Pátroclo e matar Heitor, não contente, o Pelida planejou ao divino troiano actos sem vergonha (*Il.* 22.395-405; 23.24-26). Alexandre não chegou a efetivar nenhum projeto de vingança, mas demonstrou rompantes de frieza quando matou à traição, por exemplo, os mercenários indianos (*Alex.* 59. 6-7).

Essa ferocidade e selvajaria quase desumanas não se adequavam, todavia, à função de reis que simultaneamente exerciam. Faltava um toque de humanidade a Aquiles, que Homero afere no episódio em que Príamo suplicante roga-lhe o corpo do filho (*Il.* 24.486 sqq.). Plutarco, por sua vez, na biografia, ressalta que, retirando esses episódios supracitados, o Macedónio apresentou uma atitude de respeito aos vencidos (*Alex.* 12), tornando-se «tão gentil na vitória, quanto terrível no campo de batalha» (*Alex.* 30.6). No discurso de elogio a Alexandre, é só esse aspecto o conveniente que foi valorizado. Não se pode obliterar, todavia, a ferocidade e a cólera que tantas desgraças, segundo Homero, podem causar.

Dessa análise, concordamos em parte com a frequente crítica feita aos discursos *A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno* que afirma ter nele Plutarco traçado um desenho demasiadamente utópico, pois verificamos uma exclusão quase total dos vícios e dos episódios polémicos que o Macedónio viveu. Sempre acaba por restar, todavia, um vestígio. Por isso, se analisamos cuidadosamente tanto a seleção das feridas e das batalhas, quanto à aproximação entre Alexandre e Aquiles, encontramos traços de uma humanidade também moldada de vícios.

Pois, literariamente, ao aproximarmos Alexandre ao Aquiles de Homero, um herói humano, dotado de virtudes e de vícios, aproveitamo-nos da capacidade plástica do mito e unimos Alexandre a uma tradição histórica que retrata o herói como falível, capaz de cometer o erro

(*amartia*), devido a sua fragilidade humana, sendo responsável pelo seu declínio. É, portanto, muito enriquecedor o diálogo entre a retórica encomiástica, a biografia e a épica, na medida em que se somam ao retrato histórico elementos míticos que, se simbolicamente lidos, podem gerar exemplos interessantes e emuláveis.

BIBLIOGRAFIA

- Adkins, A. W. H. (1971), "Homeric values and Homeric society", *JHS* 91: 1-14.
- Bosworth, A. B. and Baynham, E. J. (2000), *Alexander the great in fact and fiction*. Oxford, Oxford University Press.
- Bury, J. B., Cook, S. A. e Adcock, F e E. (1969), *The Cambridge Ancient History VI Macedon*. Cambridge.
- Cammarota, M. R. (1998), *Plutarco La fortuna o la virtù di Alessandro Magno. Seconda Orazione*. Napoli, M. D'Auria editore.
- D'Angelo, A. (1998), *Plutarco. La fortuna o la virtù di Alessandro Magno. Prima Orazione*. Napoli, M. D'Auria editore.
- Lévy, E. (1995) "Arete, time, aidôs et nemesis: le modèle homérique", *Ktema* 20: 177-211.
- Lourenço, F. (2003), *Homero. Odisseia*. Lisboa, Cotovia.
- Lourenço, F. (2005), *Homero. Ilíada*. Lisboa, Cotovia.
- Mossman, J. M. (1988) "Tragedy and epic in Plutarch's *Alexander*". *JHS* 108: 83-93.
- Mossman, J. M. (1992) "Plutarch, Pyrrhus and Alexander", in Ph. Stadter (ed.), *Plutarch and the historical tradition*. London and New York, 90-108.
- Nachstädt, W. Sieveking, W. Titchener, J. B. (1971), *Plutarchi Moralia II*. Lipsiae, Bibliotheca Teubneriana.
- Sale, W. (1963) "Achilles and heroic values", *Arion* 2.3: 86-100.
- Whitmarsh, T. (2002) "Alexander's Hellenism and Plutarch's textualism", *CQ* 52.1: 174-192.